



MACHISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLETINDO SOBRE OS OBSTÁCULOS DE GÊNERO ENFRENTADOS POR PROFESSORAS DE NATAL-RN.

Isabela Moraes Fernandes ¹
Rylaine de Araújo Carvalho ²
Karen Julianna Fernandes da Rocha ³
Alessandro Dionisio da Silva ⁴
Flávia Polati Ferreira ⁵

RESUMO

Historicamente as mulheres lutam para ocupar espaços de fala na nossa sociedade. Para aquelas que escolhem a profissão docente, o cenário não muda. Cotidianamente, professoras lutam para serem ouvidas e tratadas com o mesmo respeito que seus colegas homens recebem, tanto por seus alunos, quanto pelas demais pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Trabalhos que envolvem essa temática – o machismo na escola – discutem que o espaço escolar permanece marcado por relações desiguais, evidenciando que estereótipos e práticas discriminatórias também interferem no reconhecimento profissional das professoras. Isso demonstra que o machismo, assim como outros preconceitos, está enraizado na nossa sociedade e se manifesta em todos os espaços, de maneira implícita ou não. Fundamentando-se nessa discussão e impulsionadas por experiências vivenciadas por futuras professoras de Física bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), este trabalho investiga como professoras de escolas de educação básica da rede pública e privada da cidade de Natal-RN vêm enfrentando essa problemática. Inicialmente, visando um levantamento de dados, nossa pesquisa investigou 16 (dezesesseis) professoras por meio de um questionário online com 15 questões objetivas que questionavam quais os desafios de gênero vivenciados ao longo de sua prática docente. Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas realizadas de modo presencial com 5 (cinco) professoras selecionadas através do PIBID, buscando aprofundar os dados obtidos no questionário. A maioria dessas professoras apontou que não apenas passaram por episódios machistas, mas também como nenhuma medida foi tomada em resposta a esse tipo de violência, expondo ainda certa postura passiva que normatiza as desigualdades de gênero vivenciadas nas escolas. Esperamos que nosso trabalho contribua para elucidar como as questões de gênero atravessam a prática docente, mostrando que ainda há inúmeros preconceitos e desafios a serem superados na profissão.

1 Graduanda do Curso de Física-Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, isabela.fernandes.706@ufrn.edu.br;

2 Graduanda do Curso de Física-Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, rylainea@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de Física-Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Karenrocha.adv@gmail.com;

4 Professor de Física da SEEC-RN, profalessandrofisik@gmail.com;

5 Professor orientador: Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, flaviapolati@fisica.ufrn.br.



Palavras-chave: Machismo na Escola, Questões de Gênero, Percepção Docente.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres tiveram que se submeter a estruturas hierárquicas que oprimiram e desrespeitaram a sua existência. Pinto (2010), aponta que o feminismo surge como um movimento capaz de transformar essas estruturas e reivindicar direitos como os de fala, de independência e de ocupar quaisquer espaços sociais, buscando justiça e equidade para as mulheres. Embora muitos desses direitos tenham sido conquistados, como Silva (2010) discute, o machismo, uma vez enraizado na sociedade, continua sendo reproduzido em todas as suas esferas, se manifestando, inclusive, por meio de falas e comportamentos que colocam as mulheres em posição de inferioridade, de maneira implícita ou não.

A escola, sendo uma instituição social, reflete através de sua comunidade os preconceitos que essa carrega. Além disso, a escola pode agir não somente perpetuando os estereótipos relacionados ao gênero, mas também os criando, ao relacionar, por exemplo, meninas e mulheres à uma posição de fragilidade, delicadeza e cuidado, nas práticas educativas e nas relações entre alunos e professores. Isso acontece porque, apesar do magistério ter passado por um processo histórico de feminização,

[...] ainda que as agentes de ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino – não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos (LOURO, 1997, p. 89).

Nesse sentido, mesmo ocupando o ambiente escolar, como professoras ou estudantes, as mulheres são submetidas a uma estrutura masculina que, em seu cerne, é patriarcal e machista. A partir dessas discussões e motivado pela experiência de licenciandas em Física e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), este trabalho tem como objetivo refletir a seguinte questão: de que forma o machismo está presente nas escolas e como as professoras da educação básica são impactadas por esse preconceito.





A pesquisa foi estruturada em duas etapas. Na primeira, foi realizado um levantamento inicial de dados por meio de um questionário online divulgado em duas escolas, sendo uma delas uma escola privada de ensino fundamental e médio, e a outra uma escola pública de ensino médio vinculada ao PIBID. A escolha dessas duas escolas se deu com o intuito de ampliar a coleta de dados, contemplando outros níveis de ensino. Nas respostas obtidas desse questionário, a maioria das professoras apontaram já terem vivenciado um episódio de machismo na sala de aula ou no ambiente escolar. Na segunda etapa da pesquisa, foi feito o aprofundamento dos dados, por meio de entrevistas semi-estruturadas e gravadas com professoras da escola vinculada ao PIBID. Nessas entrevistas, todas as professoras relataram já terem vivido ou presenciado um caso de machismo no ambiente escolar.

Em síntese, ao fazer a análise qualitativa dos dados, percebeu-se que o machismo atravessa a carreira docente principalmente de forma velada, muitas vezes passando despercebido nas falas de colegas professores ou de homens em cargos superiores, como diretores e coordenadores, agindo da mesma maneira nos comportamentos dos alunos e alunas que, corriqueiramente, desafiam a capacidade intelectual e a autoridade das professoras. Corrêa (2022) constata que tais práticas não só desmoraliza as professoras, colocando-as em uma posição de fragilidade e de menor aptidão intelectual em relação à seus colegas homens, mas também dificulta a promoção de cargos, o alcance de gestões e a valorização profissional dessas mulheres. Dessa forma, é fundamental que aqueles que trabalham com a educação se atentem ao machismo presente na escola e, partindo dessa reflexão, pensem em como suas práticas podem fazer com que o ambiente escolar seja um espaço capaz de reverter os estigmas associados ao gênero feminino.

METODOLOGIA

O presente trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, com o objetivo de discutir e refletir sobre o machismo enfrentado por professoras no ambiente escolar. Diante disso, a pesquisa buscou compreender as percepções, experiências e desafios vivenciados por docentes em diferentes contextos educacionais. Além disso, após a coleta, os dados foram





submetidos a uma análise qualitativa, baseada na interpretação e categorização temática das respostas, buscando identificar padrões e experiências recorrentes.

O levantamento de dados foi realizado de duas formas principais. Inicialmente foi elaborado um questionário, disponibilizado através de uma ferramenta digital, com o intuito de ampliar o alcance e facilitar o acesso das participantes. O questionário foi divulgado para professoras de duas instituições de ensino da cidade de Natal-RN: uma escola pública, vinculada ao PIBID, e uma escola privada.

O instrumento contou com 15 (quinze) questões, objetivas e discursivas, as quais abordaram no geral pontos voltados à vivências das professoras no seu ambiente de trabalho. Dentre as perguntas, destacam-se “Já vivenciou algum episódio de machismo no ambiente escolar?” e “De qual forma a comunidade escolar reagiu a esses episódios?”. Tais questões permitiram captar percepções pessoais e reflexões sobre as manifestações do machismo no cotidiano docente dessas mulheres. Ao todo, foram obtidas 16 (dezesesseis) respostas, que serviram de base para a análise interpretativa e reflexiva dos dados. Além do questionário, utilizou-se um segundo método de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, gravadas, com o consentimento das participantes. Essa etapa buscou obter relatos mais profundos e contextualizados, enriquecendo a compreensão do objeto de estudo. As entrevistas seguiram um roteiro-guia elaborado pelos bolsistas do PIBID, utilizado de maneira flexível e adaptada, de modo a favorecer uma conversa fluida durante as entrevistas. Participaram dessa fase 5 (cinco) professoras da escola pública vinculada ao PIBID, que compartilharam suas experiências e percepções sobre o machismo no contexto de vivência escolar.

É importante salientar que ambos os métodos de coleta de dados foram realizados de modo a preservar a identidade das participantes e das instituições envolvidas, garantindo a privacidade e a segurança dos dados pessoais e dos vínculos trabalhistas das professoras. Essa etapa teve como finalidade coletar informações e percepções das docentes acerca da presença e das manifestações do machismo no contexto escolar, possibilitando uma análise interpretativa e reflexiva dos dados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos no questionário e nas entrevistas, mostraram que o machismo ainda se manifesta de forma sutil e estruturada no ambiente escolar, refletindo as desigualdades de





gênero que muitas professoras enfrentam na sociedade e que acabam refletindo na sua área profissional. A análise das respostas coletadas permitiu identificar que a maioria das participantes reconhece a presença do machismo no contexto escolar, manifestado de diferentes formas, seja em atitudes sutis de desvalorização profissional, comentários preconceituosos, ou na divisão desigual de responsabilidades dentro da instituição. Entre as professoras que apontaram não ter vivenciado nenhum episódio, não houve nenhuma opinião exposta concordando ou discordando sobre o tema.

A análise dos dados obtidos por meio do questionário digital revelou importantes aspectos sobre a presença do machismo no contexto escolar e seus reflexos na prática docente. A maior parte das professoras participantes possuem idade entre 25 e 35 anos, e 93,8% ainda atuam como professoras na educação básica. Observou-se, ainda, que a maioria exerce a profissão há mais de cinco anos, o que evidencia um grupo com experiência consolidada na área. Em relação ao tipo de instituição, 50% das docentes atuam em escolas privadas, 37,5% em escolas públicas e as demais lecionam em ambas. Quanto ao nível de ensino, predominam as docentes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Entre as 16 professoras participantes, 75% afirmaram já ter vivenciado algum episódio de machismo dentro da sala de aula, enquanto 62,5% relataram já terem sofrido com isso no ambiente escolar de modo geral, dos quais 43,8% foram praticados por colegas de profissão e 25% por alunos. Esses dados demonstram que o espaço educacional, mesmo sendo amplamente ocupado por mulheres, ainda reproduz estruturas e práticas patriarcais que afetam diretamente o reconhecimento e a valorização profissional das docentes, além de evidenciar que as professoras não são atingidas pelo machismo somente enquanto lecionam, mas na sua rotina como um todo.

Em relação a como foi o episódio, destaca-se a diferença de tratamento em relação a professores homens, com 37,5% de respostas em comum. Entretanto, algumas professoras variaram e detalharam sua resposta. A professora 10, por exemplo, apontou ter vivenciado um episódio que reforçava a idéia de superioridade entre homens e mulheres: *“Junto a coordenação de uma das escolas, cujo coordenador era homem. Ele fazia questão de dizer que preferia trabalhar com mulheres, pois eram mais fáceis de comandar. Nunca aceitava as ideias e sugestões da equipe (composta por mulheres somente), pois ele era muito mais objetivo e direto. Entre outras falas”*. Além disso, a professora 11 classificou já ter sido atravessada pelo machismo de diversas formas (assédio, interrupções de fala e diferença de





tratamento em relação a professores homens), destacando três situações: “1 - *Sou interrompida diversas vezes*; 2 - *Professores e coordenadores explicaram assuntos para mim (que eu já sabia), acreditando que eu não sabia nem me perguntar*; 3 - *Recentemente, um coordenador me pediu para falar sobre o Agosto Lilás com os alunos, mas sem mencionar o Feminismo porque esse conceito é ‘um tiro no pé’.*”. No que se refere a ações tomadas para denunciar e solucionar essas situações, todas as professoras apontam que as instituições são passivas diante desses conflitos, por motivos de hierarquias entre os cargos, desinteresse pela causa e normalização do machismo.

Partindo para a análise interpretativa dos relatos das professoras, coletados por meio de entrevistas gravadas, destaca-se que, para a composição deste artigo e para assegurar a relevância e originalidade dos resultados, os depoimentos foram, em sua maioria, transcritos integralmente. Participaram da pesquisa 5 (cinco) professoras que atuam no ensino médio de uma escola pública. As entrevistas seguiram um roteiro previamente elaborado pelas bolsistas, de modo a orientar a conversa, no qual as perguntas foram organizadas em eixos temáticos principais, tais como “Qual a sua idade? Há quanto tempo leciona na educação básica?”, e outras perguntas mais direcionadas ao tema como, “Você já vivenciou ou presenciou algum episódio de machismo no ambiente escolar?”, “Como foi esse episódio? Como se sentiu?”, “Recorreu a alguém durante ou após o episódio?”, por fim “Foi tomada alguma medida a respeito disso?”. Esse direcionamento buscou favorecer uma narrativa livre, porém guiada, permitindo que as participantes expressem suas experiências e percepções de forma espontânea e reflexiva.

Dessa forma, foi possível identificar que participaram da pesquisa docentes de diferentes faixas etárias e com variados tempos de atuação na educação básica. Essa diversidade de perfis contribui para uma compreensão mais ampla diante das perspectivas das manifestações de machismo e de como elas são percebidas e enfrentadas por mulheres em diferentes contextos e momentos da carreira docente.

Em relação a pergunta “Você já vivenciou ou presenciou algum episódio de machismo no ambiente escolar?”, a professora 01 relatou uma situação em que se sentia desconfortável com o comportamento de um dos seus alunos: “*em termos de comportamento de alguns alunos, inclusive comigo mesma, em relação à sede de um aluno para com a professora. Era um aluno bem maior do que eu, sempre querendo abraçar, demonstrar força através disso. [...]Eu me senti incomodada[...]. Esse aluno chegava me abraçando em sala de aula,*





soltando piadinhas o tempo todo enquanto eu explicava o conteúdo. Dizia: “Se a professora for, eu vou. Se a professora me chamar, eu vou.” A Professora 02 relatou situações em que seus próprios alunos demonstraram desconfiança em relação à sua competência profissional, questionando seu domínio sobre o conteúdo e, em alguns momentos, sugerindo que ela deveria “se acalmar”, o que evidencia uma tentativa de deslegitimar sua autoridade docente, além disso a professora afirma já ter sido agredida verbalmente: *“Em geral, o mais comum é o de alunos que duvidam da capacidade da professora em ensinar certos conteúdos. Quando você demonstra domínio, acham que está nervosa, que precisa se acalmar. [...] Já fui chamada de “p***” por um aluno. Isso aconteceu este ano [...]*. De modo semelhante, a Professora 03 mencionou o caso de uma colega que também enfrentou atitudes de descrédito por parte dos alunos, motivadas unicamente pelo fato de ser mulher: *“[...] não especificamente comigo, mas com outra professora. Ele a enfrentava, questionava a capacidade dela de ensinar aquele conteúdo, por ela ser mulher[...]”*. A Professora 04 descreveu a experiência vivida por outra profissional, que foi interrompida por um professor, colega de trabalho, durante uma reunião, tendo sua fala tomada e desconsiderada, o que lhe causou grande constrangimento diante dos demais: *“Foi numa reunião pedagógica. Uma colega estava falando e um professor a interrompeu, levantando a voz e tomando a fala dela. Sentimos que foi justamente porque ela era mulher e estava se posicionando. Depois do episódio, conversamos com a direção e relatamos o ocorrido. Ela havia sido interrompida e não pôde concluir seu raciocínio, o que gerou constrangimento.”* Por fim, a professora 05 destacou percepções de seus alunos que reproduzem a ideia de que as mulheres não devem ou não podem ocupar determinados espaços, evidenciando a presença de estereótipos de gênero no ambiente educativo e em outras áreas: *“A maioria dos alunos ainda tem o pensamento de que a mulher “não pode muita coisa” ou que deve se submeter. Como professora, tento contornar essas situações.”*

De modo geral, as entrevistadas relataram que situações de machismo são recorrentes e se manifestam, principalmente, por meio de comportamentos sutis ou explícitos de desvalorização profissional. Nos relatos destaca-se que a maior parte dessas atitudes perpetuam-se através dos estudantes que em sua maioria questionam a sua autoridade ou a competência da professora em sala de aula. Quando questionadas se recorreram a alguém durante ou após o episódio, e se alguma medida foi tomada a respeito das atitudes, elas afirmaram que costumam recorrer à coordenação ou conversar com colegas para lidar com os episódios e buscar apoio na condução das turmas. Entre as entrevistadas, apenas uma





professora afirmou que foi realizada campanha de conscientização sobre o tema na escola, apontando o descaso das instituições com a causa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e reflexões desenvolvidas neste trabalho, com base na análise interpretativa da pesquisa realizada em duas escolas da região de Natal-RN, observa-se que o machismo ainda se manifesta de forma persistente e estrutural no ambiente escolar, mesmo em um espaço predominantemente ocupado por mulheres. As análises dos questionários e entrevistas evidenciaram que as professoras da educação básica enfrentam diversas formas de desvalorização, descrédito profissional e assédio, tanto por parte de alunos quanto de colegas de profissão. Essas atitudes, muitas vezes naturalizadas, refletem o patriarcado enraizado na sociedade e reforçam desigualdades históricas entre homens e mulheres.

Percebeu-se também que as escolas, em sua maioria, não possuem mecanismos eficazes de enfrentamento a essas práticas, mantendo uma postura passiva diante de situações de discriminação. Essa omissão contribui para a perpetuação de um ambiente educacional que, em vez de combater, acaba reproduzindo as desigualdades de gênero. Dessa forma, propõe-se como prática acessível para fomentar a conscientização e reduzir os casos de machismo a implementação de mecanismos institucionais, como programas de formação continuada voltados à equipe pedagógica e ações educativas junto aos estudantes. Tais iniciativas, além de promoverem reflexões críticas sobre o tema, fortalecem o papel da escola como espaço de propagação da igualdade de gênero, rompendo com a postura passiva frequentemente adotada diante dessas situações.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a cada professora que se dispôs a participar dessa pesquisa, dividindo conosco experiências que são dolorosas e delicadas para nós mulheres. Além da disposição à pesquisa, agradecemos e parabenizamos essas mulheres por seguirem lutando por espaço e abrindo caminhos, inclusive, para nós, futuras docentes. Deixamos também nosso agradecimento à CAPES, por financiar o PIBID e, assim, possibilitar pesquisas como essa.





REFERÊNCIAS

CORRÊA, Natália Ribeiro; NUNES, Simone Costa. **Gênero e carreira docente:** uma análise com professoras do serviço público. Encontro da ANPAD - EnANPAD, on-line, 21-23 set. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política.** v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

SILVA, Sergio Gomes da. **Preconceito e Discriminação:** As Bases da Violência Contra a Mulher. v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.

